

## Qualificando o jovem para o primeiro emprego preparando para o processo seletivo

Simone Tavares de Oliveira\*  
José Antonio Funchal Da Silva\*\*

### RESUMO

*O presente artigo pretende abordar o tema da qualificação dos jovens carentes na sua busca pelo primeiro emprego. O fenômeno da globalização representou uma mudança drástica nas relações de trabalho. Os investimentos cada vez maiores no desenvolvimento de inovações tecnológicas devido à alta competitividade existente entre as organizações têm proporcionado a substituição do trabalho humano por máquinas cada vez mais avançadas em uma série de atividades econômicas. Houve uma sensível diminuição da oferta de postos de trabalho. Os países pobres ou em desenvolvimento são os maiores prejudicados, pois, em sua maioria, não contam com a estrutura necessária para atender às demandas sociais da população (saúde, educação, habitação, segurança, etc.). A disputa acirrada por uma vaga nas organizações obriga o candidato a se preparar cada vez mais a fim de obter sucesso. A oferta de cursos e palestras voltadas para a qualificação dos jovens carentes para o mercado de trabalho ainda é bastante reduzida. Daí a importância deste artigo no desenvolvimento de habilidades deste público que necessita de um impulso para a inserção no mercado de trabalho.*

**Palavras-chave:** *jovem pobre, trabalho, competição e organizações.*

### ABSTRACT

*The present work intends to develop the theme of the qualification of the poor and young students in their search for the first job. Globalization represents a strong change at the work relations. All investments are being made in order to find new technologies are necessary due to the high competition between the organizations gave us the substitution of the human resources by new products that make almost everything that a man can do in many activities. The dispute for a place at the organizations forces each candidate to be prepared, as better as possible, in order to get the success. The opportunity for this social class of people is still too little. That is the importance of this article in the development of the abilities of this people that need a help to be included in the job market.*

**Key words:** *young, poor, job, competition and organizations.*

## 1 INTRODUÇÃO

A Globalização, provocada pelo avanço tecnológico, trouxe uma série de conseqüências para o mercado de trabalho e, dentre elas, a competitividade entre as empresas, que buscando a permanência no mercado de trabalho, tiveram que se reorganizar através de novos programas como a Qualidade Total, a Reengenharia, os 5 S, dentre outros. Na tentativa de diminuir os custos da produção e otimizar os lucros, outras estra-

tégias foram adotadas como a substituição da máquina pelo ser humano, diminuindo o número de postos de trabalho para as funções menos complexas. Por outro lado, o capital intelectual passa a ser fortemente valorizado, exigindo do trabalhador um significativo investimento em si mesmo, seja no que diz respeito à educação, seja no que se refere ao comportamento.

Diante de tantas inovações, um determinado

\* Pós-Graduada em Planejamento e Gestão Social pela UFJF e Gestora de Recursos Humanos pela Faculdade Estácio de Sá.

\*\* Administrador de empresas pela PUC/SP e Gestor de Recursos Humanos pela Faculdade Estácio de Sá/JF.

extrato social – o jovem carente – se viu diante de um grave problema a ser solucionado, o de enfrentar uma série de dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Dentre elas, pode-se destacar o baixo grau de instrução; dificuldades com o custo do transporte para procurar emprego; vestuário inadequado; linguagem inadequada durante a participação em entrevistas; falta de conhecimento técnico em serviços da indústria, comércio e serviços.

O desemprego é um fenômeno mundial e tem seus efeitos mais nefastos nos países em desenvolvimento e do terceiro mundo, que possuem a maioria da população com baixa escolaridade, aliada à pouca ou nenhuma experiência profissional e qualificação técnica. A partir dessa temática, o presente artigo propõe uma reflexão sobre as dificuldades encontradas pelos jovens de classes sociais desfavorecidas sócio-economicamente quando procuram se inserir no mercado de trabalho, as alternativas oferecidas pelo Governo Federal para minorar tal problema e uma avaliação de tal questão na cidade de Juiz de Fora/MG.

## **O adolescente e o mercado de trabalho**

De acordo com Pontes (2001), a globalização mudou o panorama das organizações. Voltadas, inicialmente, para o mercado interno, hoje, além dos concorrentes internos, preocupam-se com o mercado externo, o que fez com que elas, dentre outras iniciativas, tivessem que buscar incessantemente a eficiência em seus processos, a velocidade de ação, a qualidade de seus produtos, um preço competitivo, a fidelidade de seus clientes. Para tanto, a fim de reduzir seus custos, diminuíram seu quadro de funcionários e investiram na qualificação dos funcionários através do treinamento de seu pessoal e da própria seleção de pessoas

Diante desse quadro, os profissionais deixam de ser somente especialistas e passam a ser generalistas também. Assim, o jovem carente que hoje pretende entrar no mercado de trabalho necessita de uma visão ampla do mundo. Determinadas competências, que eram vistas até um tempo atrás como diferenciais, passaram a ser consideradas como pré-requisitos pelo mercado

de trabalho, como, por exemplo, a liderança, a criatividade, a capacidade de trabalhar em equipe, de ter visão de futuro, o comportamento empreendedor e dinâmico, a habilidade para negociações. Desta forma, os talentos humanos são vistos como peças fundamentais para o sucesso das organizações (Ibid.).

Bombardeados pelos meios de comunicação e sem mercado de trabalho, o jovem altera seu comportamento: passa grande parte de seu tempo livre em frente à TV, consumindo modelos aos quais procura se adaptar, tornando-se presa fácil de armadilhas do mundo da publicidade (ADAMO, 1987). Os estilos de vida propagados pela mídia, atendendo ao discurso globalizante, acabam sempre se referindo ao reconhecimento da pessoa como aquela que tem sucesso (econômico), status social, associando os produtos ao prazer imediato, a ações carregadas de emoções fortes e instantâneas. Enfim, estilos de vida que transmitem condutas sociais que na maioria das vezes estão totalmente fora da realidade do espectador. O agravante é que os próprios pais acabam sendo seduzidos por esse processo de massificação e não ajudam o adolescente nem na resolução de seus conflitos, nem na construção de uma reflexão crítica quanto aos condicionantes culturais e históricos que geraram e mantêm a exclusão social.

Sem a proteção do Estado, sem uma orientação familiar capaz de manter o jovem na escola, domesticados por uma sociedade que prega o conceito de riqueza como associado somente ao dinheiro, os jovens de classes sociais empobrecidas, buscando o aumento da renda familiar, acabam não escolhendo uma profissão e, por questões de sobrevivência, acabam aceitando trabalho em qualquer atividade que aumente a renda familiar. Tal situação atinge também os jovens egressos do ensino superior. De acordo com Osório (1989), apenas cerca de 10% dos jovens egressos de nossos cursos universitários conseguem colocação no mercado de trabalho; os restantes 90% são obrigados a desistir de suas aspirações vocacionais e disputar em outras profissões a escassa oferta de empregos existente.

Diante desse quadro nada promissor, quais seriam, então, as alternativas para prepará-los para um mercado de trabalho incerto, com altas taxas de desemprego, valores morais e éticos corrompidos e o fantasma da falta de expectativa que assombra?

Para minorar a gravidade da situação, projetos do Governo Federal foram criados para preparar os jovens para o 1º emprego. Com a mudança do Governo Federal em 01/01/2002, surge a preocupação do Ministério do Trabalho e Emprego na inserção do jovem carente no mercado de trabalho. Para tanto o Governo criou a Cartilha Abrindo Portas para a Cidadania, o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego e o Consórcio Social da Juventude.

O objetivo da Cartilha Abrindo Portas para a Cidadania é explicar o Programa Primeiro Emprego para as empresas, para a sociedade e para os adolescentes. Através deste instrumento, são demonstrados o compromisso e os benefícios que o governo irá proporcionar para os adolescentes e empresas.

O Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego tem a função de gerar oportunidades de emprego para os jovens carentes na faixa de 16 a 24 anos, visto que este público corresponde a 44% das pessoas desempregadas no Brasil. As ações do governo para viabilizar este projeto são: incentivos às empresas para contratação de jovens; incentivo às ações de responsabilidade social das empresas; investimento na geração de ocupação de jovens por meio de incentivo ao empreendedorismo, ao auto-emprego e à economia solidária.

As inscrições são feitas nos SINEs ou no Consórcio Social da Juventude, por jovens de 16 a 24 anos, que estejam estudando no ensino fundamental ou no ensino médio e que tenham renda familiar de até meio salário mínimo por pessoa. Os jovens de 14 a 18 anos, conforme o disposto na lei 10.097/2000, têm garantia de remuneração e de registro de aprendiz na Carteira de Trabalho. São criadas linhas de créditos, bem como fornecidas orientação e capacitação para os jovens empreendedores.

Quanto à parceria Governo/Empresa, as micro-empresas contam com uma verba do

governo de R\$200,00 por jovem contratado, ao passo que as empresas de maior porte contam com R\$100,00. Em suma, o Programa Primeiro Emprego conta com a participação da sociedade, empresas e governo para garantir para os jovens a inclusão social e a cidadania.

Já o Consórcio Social da Juventude surgiu para complementar o SINE. A intenção do Governo é que ele se torne autônomo, de forma a depender apenas de ONGs e empresas privadas, que fazem parte do consórcio. Sua finalidade é conseguir a inserção do maior número possível de jovens carentes no mercado de trabalho.

O público alvo são jovens com renda familiar baixa que se enquadrem numa ou mais das seguintes características: deficientes, trabalhadores rurais, afro-descendentes e indígenas. As vagas são direcionadas, prioritariamente, aos jovens carentes que estejam estudando, admitindo-se a participação de jovens que tenham concluído o ensino médio, neste caso limitados a 30% das vagas.

A constituição do consórcio se dá através da junção da sociedade, empresários e adolescentes. O Consórcio monta uma entidade âncora, que se associa a empresas que pretendem investir nos adolescentes carentes, oferecendo serviços ou oficinas para os adolescentes.

O SINE – Sistema Nacional de Empregos em Juiz de Fora – tem hoje cadastrados 1.100 adolescentes na faixa de 14 a 17 anos e 26.248 na faixa de 18 a 29 anos à procura de um treinamento ou uma vaga no mercado de trabalho. E, ainda, 6.000 adolescentes cadastrados no Programa Primeiro Emprego dos quais, somente 800 estão habilitados junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, mas, apesar da habilitação, nunca trabalharam.

O SINE de Juiz de Fora conta com três funcionários para atender Juiz de Fora e região. Eles são responsáveis pelo cadastro dos adolescentes e das empresas, pela divulgação do projeto e controle destes contratos, tanto de empregos como de cursos. Já a qualificação no SINE é ministrada através de cursos, normalmente em parcerias com o SESC e o SENAI, uma vez por ano (normalmente em agosto e setembro).

No entanto, apesar da atuação dos referidos programas, a situação continua bastante grave para os jovens de classes sociais desfavorecidas economicamente, pois outros fatores, além daqueles já mencionados e que dizem respeito aos novos atributos que as empresas exigem do trabalhador, dificultam a entrada daquele jovem no mercado de trabalho.

Desta forma, hoje muito valorizada, a imagem do jovem que procura emprego tem um grande peso para a empresa que disponibiliza a vaga. A imagem profissional está intimamente ligada ao seu vestuário (MARTINS, 2004). Este item deve ser adequado ao perfil da empresa em que o candidato pleiteia a vaga. Daí a importância de causar uma boa impressão durante as diferentes fases de um processo seletivo. Sempre que possível, o jovem deve se inteirar dos hábitos e costumes da organização, a fim de facilitar a sua adaptação ou mesmo para que, em caso de incompatibilidade com seus conceitos, ele possa procurar uma outra empresa de sua preferência, que se afine mais com seu estilo de vida e condições sociais (Ibid.).

A experiência anterior é outro fator importante para a inserção do jovem no mercado de trabalho. Neste sentido vale destacar que o objeto de estudo é o primeiro emprego, mas não o primeiro trabalho. Ou seja, caso o jovem tenha feito algum estágio ou trabalho voluntário, fica evidente para o profissional de RH o interesse que o candidato teve tanto em conhecer uma organização de perto quanto seu interesse em ser parte dela, o que caracteriza a postura pró-ativa do candidato.

Outro aspecto considerável para a sua colocação é o conhecimento sobre as fases do processo de seleção. Isto dá maior segurança para o jovem candidato que nunca participou de um processo seletivo. Uma visão macro das possíveis etapas normalmente executadas pela área de Recursos Humanos das empresas faz com que o candidato evite surpresas que o prejudiquem em relação aos outros candidatos. As linhas gerais do processo de seleção destacados por Pontes (2001), são: Análise de currículo, Testes de Conhecimento, Testes de Desempenho, Testes Psicológicos e Entrevista.

## **O adolescente**

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Nesta fase da vida culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isto, para a correta compreensão do adolescente é necessário analisar conjuntamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais (OSÓRIO, 1992). Assim, durante o período de crescimento – que vai aproximadamente até os 20 anos de idade – há uma diferenciação e uma integração progressivas da personalidade. A capacidade de avaliar, conciliar e acomodar estímulos internos e externos, benignos e perigosos, permite ao ego viver em relativa harmonia com a pulsão, o superego e o ambiente (BLOS, 1985).

Ainda segundo Blos, o adolescente passa por mudanças físicas que refletem em seu comportamento. Desta forma as pessoas que trabalham com adolescente devem ter um olhar diferente para eles, pois deixaram de ser criança, mas ainda não são adultos, e a aceitação dessa sua condição na sociedade é muito importante, para o desenvolvimento de suas potencialidades.

O adolescente, na busca de sua maturidade e independência emocional dos pais, necessita de auto-afirmação, por isso procura se integrar em grupos fechados, de jovens de sua idade. A consciência e responsabilidade de seus atos, que até bem pouco tempo eram divididos com seus responsáveis passa a ter um outro peso. Daí surge a crise de identidade, os problemas sociais e culturais, que se tornam mais latentes nesta fase (Ibid). Seguindo esta linha de pensamento, Lepre destaca que "(...) o encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade." (LEPRE, 2004).

Ao se organizarem em grupos de afinidades, os jovens passam também a adotar uma linguagem, através das gírias, que em muitos casos somente eles entendem. É também uma forma de se diferenciarem dos adultos e construírem um espaço de identidade. De acordo com Osório,

*(...) poderíamos dizer que o adolescente não está abandonando o modo de comunicação infantil por uma forma adulta de expressão, mas tem uma identidade lingüística e semân-*

*tica peculiar à sua condição de adolescente. E a gíria é a representação verbal da identidade adolescente, com todo o polimorfismo e transitoriedade tão característicos do próprio processo puberal. A gíria constitui a expressão verbal do processo de diferenciação do adolescente, de seu afã de reconhecer-se a seu grupo de iguais como portadores de uma identidade própria e distinta da identidade dos pais e do mundo adulto em geral. (OSÓRIO, 1989, p. 19).*

No entanto, para que ele possa se inserir no mercado de trabalho, é necessário que ele seja preparado para adquirir uma nova comunicação, melhorando o seu poder de argumentação em uma entrevista ou na rotina de trabalho, mantendo a gíria em seu contexto familiar e entre seus amigos, percebendo a diferença da vida profissional para a pessoal.

Ainda, de acordo com Osório (1989), o adolescente do século 21 será ecológico, sua ocupação será com a sua sobrevivência e a do planeta, serão profissionais descentralizadores, e o computador fará parte do seu dia-a-dia. Os jovens do novo milênio estarão comprometidos, como estiveram os jovens de sempre, com as “re-evoluções” que norteiam o progresso da civilização na direção do bem-estar individual e coletivo, finalidade existencial do homem. Este desenvolvimento pode ser facilitado pelos profissionais de recursos humanos que preparam os jovens para o trabalho, incentivando-os a investir no seu lado empreendedor, no espírito de equipe e de solidariedade.

A família é um outro agente socializador. É através dela que são formados os conceitos e valores éticos, religiosos e culturais. A maturidade da família é baseada nos mesmos postulados, ou seja, a instituição familiar é uma realidade vivencial compartilhada por todos em relações de reciprocidade e mutualidade. A renúncia à fantasia de que o universo familiar nos pertence ou que exista para atender nossas necessidades e vontades propicia o aproveitamento desta maturidade em sua totalidade. (Ibid, 1989)

Em contrapartida, Campos (1975) descreve as atitudes dos adultos em relação aos adolescentes, muitas vezes como sendo contraditórias, uma vez que, na maioria das situações, assumem

posicionamentos negativos em relação aos adolescentes, temendo uma quebra de valores e dos costumes vigentes, criando de certa forma um abismo entre gerações.

Tal distanciamento se torna mais acirrado na adolescência do jovem carente, momento tão complicado na vida de todo ser humano, marcado por mudanças físicas e emocionais. É bastante comum encontrar nas classes sociais desfavorecidas economicamente um quadro bastante desolador: pai alcoólatra ou possuidor de outro vício qualquer que contribui para a desagregação da família; pais desempregados ou vivendo de biscates; ausência de plano de saúde, falta de casa própria, o que faz a escassa renda familiar ser direcionada para o pagamento de aluguel; o uso indiscriminado de compras a crédito, normalmente a juros extorsivos. Enfim, a estrutura social perversa em que o adolescente carente está inserido, faz com que nem mesmo a própria família possa orientá-lo na sua vida profissional.

Aliado a essa desestrutura social e econômica da família, outra se acrescenta: o distanciamento e desconhecimento dos pais quanto à multiplicidade de ocupações nascentes com a revolução tecnológica moderna e em relação aos pré-requisitos de acesso ao mercado de trabalho.

Também a crescente participação feminina no mercado de trabalho e a ausência do pai em casa, devido à separação do casal, tem reflexos negativos na formação do jovem carente que, na maioria das vezes, fica sozinho em casa durante grande parte do dia sem receber o apoio diário e necessário através de conselhos, elogios, críticas, definição de limites, enfim, ações importantes na formação da personalidade do adolescente (KALOUSTIAN, 1994).

Embora, com algumas variações, a puberdade seja praticamente um fenômeno universal, já a própria adolescência varia de cultura para cultura, de acordo com a família e suas crenças.

A falta de opções no mercado de trabalho faz com que o jovem de classe média fique maior tempo dependendo financeiramente dos pais, tendo o período de adolescência prolongado. Em contra-partida, o jovem carente, até por uma

questão de sobrevivência, desde muito cedo precisa enfrentar o desafio de se sujeitar a qualquer possibilidade de trabalho e acaba exercendo atividades como lavador de carro, ajudante de pedreiro, vendedores ambulantes. Nos casos extremos se envolvem com atividades ilícitas como interceptação de mercadorias roubadas, tráfico de drogas ou mesmo pedindo esmolas nas ruas.

*As crianças e adolescentes pobres trabalham ou trabalham e estudam, mas nem sempre logram conciliar estas atividades, tendendo a permanecer pouco ou quase nada qualificados e recebendo, em geral, 1/3 do salário dos adultos em situações afins. O trabalho dos menores já vem de há muito, no país. Mas com o empobrecimento da população, dos anos 80 para cá, acentuou-se a pressão: ainda segundo o IBGE, nos anos 80, 55% dos adolescentes pobres (que viviam em famílias com até meio salário mínimo "per capita") tinham de trabalhar; em 1988, crianças e adolescentes filhos de famílias pobres contribuíam com 30% do orçamento familiar (KALOUSTIAN, 1994, p. 120 e 121).*

O diálogo aberto, a compreensão, o respeito pela individualidade de cada um, a transmissão de valores sólidos e o limite na medida certa são, sem dúvida, ingredientes que fazem a diferença. A família e a sociedade têm como função passar aos jovens carentes a importância de lutar pelos sonhos e ideais e que sempre se deve investir no trabalho digno, honesto, que possa levar a uma realização pessoal e profissional. A família deve lutar para o desenvolvimento equilibrado de seus jovens em busca de uma sociedade mais justa e melhor para se viver.

*A educação tem influência direta na vida profissional do jovem. Dependendo da escola em que o adolescente tenha estudado, ele terá uma bagagem maior de informação, proporcionando as melhores chances de inserção no mercado de trabalho. Conforme aponta Vygotsky: "O homem, em sua ação, cria instrumentos e signos para transformar a natureza e a si mesmo, construindo a cultura. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho". (Vygotsky apud DURANTE, 1998, p. 59. 60).*

Seguindo este raciocínio, o homem é capaz de aprender em qualquer fase da sua vida, atra-

vés da construção particular do conhecimento frente às diferentes simbologias e realidades. Neste contexto, evidencia-se que todo jovem, carente ou não, tem todas as condições de se desenvolver, desde que tenha acesso às informações necessárias para a construção de seu aprendizado.

Na visão de Palácios (apud DURANTE, 1998), existem três fatores diretamente relacionados ao processo de desenvolvimento: etapas da vida, circunstâncias culturais, históricas e sociais de sua existência e toda experiência particular de cada um que não pode ser compartilhada com outra pessoa.

A adolescência é uma etapa da vida bastante turbulenta em que os fatores históricos e o inter-relacionamento social aliados à experiência particular de cada indivíduo refletirão decisivamente no seu processo de desenvolvimento, que pode ser melhorado com uma educação de qualidade.

Segundo Rummert, a educação de qualidade dará ao trabalhador consciência dos seus potenciais, aptidões, transformações e liberdade de escolha profissional.

*Visão de educação como a chave para solucionar os mais diversos problemas, vividos tanto internamente, por diferentes nações, quanto no plano internacional, atingido por problemas comuns. A educação de qualidade emerge, assim, como demanda comum e urgente, apresentando-se, em decorrência, à primeira vista, como suposto elemento de convergência, ponto de consenso, que se sobrepõe aos interesses mais distintos e característicos de grupos sociais diversificados e, muitas vezes, antagônicos. (RUMMERT, 2000, p. 16).*

Quanto à questão do ensino no Brasil, conforme Martins (2000), existe a necessidade do governo de desvincular o ensino técnico do ensino médio, com a finalidade de atender as tendências nacionais e mundiais. O terceiro milênio está marcado pelo desenvolvimento tecnológico. A produção alcançou patamares nunca antes vislumbrados, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente. Desta forma a força física despendida no trabalho diminuiu sensivelmente com a utilização de novas máquinas e produtos que executam grande parte do serviço braçal

necessário para a execução de inúmeras tarefas com apenas um toque. A humanidade incorporou de tal forma estas facilidades que sequer imagina viver sem elas.

Segundo Martins (Ibid.), aqueles que se profissionalizam através de cursos técnicos passam a comandar aqueles que apertam os botões, e assim a educação tem seu papel principal na transformação dessas pessoas, que passam a ter uma condição social e política diferente dos outros. A escola não tem simplesmente o papel restrito de reprodutora da produção material para os estudantes. Ela permite, de forma subjetiva, a criação das condições necessárias para que aconteça a transformação da sociedade, elevando o nível intelectual dos estudantes num processo revolucionário de mudanças, ou seja, possibilita ao aluno ser um agente ativo de transformação da sociedade e não somente um mero assistente da história, armazenador de informações.

Sendo assim, a escola e o trabalho estão relacionados um com o outro e podem mudar toda a sociedade. Depende de todos, tanto do Governo como dos cidadãos, a questão de acompanhar, ou melhor, prever mudanças e dar condições de crescimento a todos.

Educação, trabalho, adolescente e globalização são temas discutidos na atualidade. Em alguns casos, tais temas não ficaram somente na discussão e tiveram ações efetivas, como é o caso da AMAC de Juiz de Fora que trabalha com adolescentes carentes educando e profissionalizando esses jovens.

Contudo, as iniciativas ainda são tímidas e não atendem as necessidades do país. Conforme entrevista com o SINE de Juiz de Fora, mesmo nas áreas que dão suporte para os programas relacionados ao primeiro emprego, existe a falta de profissionais qualificados para atender a esses jovens.

Dentre as ações voltadas para a preparação do jovem para o primeiro emprego, encontram-

se aquelas desenvolvidas pelo SENAC de Juiz de Fora que atualmente fornece cursos para 180 adolescentes e anualmente aproximadamente para 2.000 adolescentes. Os pré-requisitos para que os adolescentes façam os cursos são: idade entre 14 e 17 anos, ser inscrito no PROMAD (Programa Municipal de Apoio ao Adolescente) e estar matriculado no ensino regular.

O SENAC não é responsável pelo encaminhamento dos participantes ao mercado de trabalho. Esta tarefa cabe ao órgão ou empresa solicitante que faz a seleção dos melhores. Após a conclusão do curso do SENAC, a entidade requisitante faz a seleção dos melhores alunos e os encaminha para participarem de processos seletivos em empresas da região.

Já a AMAC tem um papel importante na formação de jovens carentes em Juiz de Fora. Conforme entrevista com os profissionais desta entidade no dia 08/10/2004, foram esclarecidos alguns pontos do trabalho efetuado com os adolescentes.

Os temas abordados pela AMAC são: saúde, higiene corporal, alimentação, perigo do cigarro, drogas, sexo sem camisinha, cidadania, conceitos sobre direito leis trabalhistas, constituição federal, estatuto da criança e do adolescente, liderança, regras de boa convivência, família, relações afetivas, preconceitos, o que as diferenças podem agregar para o ser humano, respeito às minorias, cuidados com preservação da carteira profissional, perfil profissional esperado pelo mercado (pró-atividade, flexibilidade, criatividade, ética, responsabilidade social, etc.).

Para participar destes cursos, os adolescentes devem se inscrever na AMAC que conta com verba da Prefeitura para dar os cursos. Atualmente estão sendo atendidos os inscritos em 2003. São 30 adolescentes de manhã e 30 adolescentes a tarde, na faixa etária de 14 a 17 anos, que cursam no mínimo a 5ª série e que possuam renda mensal máxima de meio salário mínimo.

## **Conclusão**

O artigo procurou levantar as dificuldades encontradas pelos jovens carentes em sua iniciação profissional; as ações de entidades governamentais e privadas disponíveis nesta área, e mostrar as oportunidades de melhoria na preparação dos jovens carentes para a inserção no mercado de trabalho.

Através de pesquisa junto aos órgãos governamentais, foi constatado que há disponibilidade de recursos financeiros para aplicação em programas de preparação do jovem para o primeiro emprego, mas existe uma deficiência quanto à

falta de profissionais especializados.

Outros fatores foram levantados como dificultadores: a baixa escolaridade dos jovens, a falta de incentivo da família, os novos atributos e qualidades profissionais exigidos pelo capital, a falta de qualificação, dentre outros. Para que essa situação seja revertida, é necessário uma parceria do poder público com a comunidade, no sentido de gerar mais postos de trabalho, investir numa educação de qualidade, e despertar a consciência cidadã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMO, F. *Juventude: trabalho, saúde e educação*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- BLOS, Peter. *Psicologia e Pedagogia. Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis: Vozes, 1975. p.1-65.
- DURANTE, Marta. *Alfabetização de Adultos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- KALOUSTIAN, S.M. (org.) *Família Brasileira, a Base de Tudo*. São Paulo: Cortez, 1994. p.118 -122
- MARTINS, Marcos Francisco. *Ensino Técnico e Globalização. Cidadania ou Submissão?* Campinas: Autores Associados, 2000. p.1 - 50.
- MARTINS, Rogério. *Revista Guia do Estudante*. São Paulo: Abril, 2004.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. *Adolescente Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PONTES, Benedito Rodrigues. *Planejamento, Recrutamento e Seleção de Pessoal*. São Paulo: LTR, 2001.
- RUMMERT, Sônia Maria. *Educação e Identidade dos Trabalhadores. As Concepções do Capital e do Trabalho*. São Paulo: Xamã; 2000. p. 73-89 e 185-188.